

Reconhecer que fomos feitos para o infinito

por Bento XVI

“O homem foi feito por um Deus infinito que se fez carne, que assumiu a nossa humanidade para elevá-la às alturas do seu ser divino”. A mensagem do Santo Padre por ocasião do Meeting 2012

Ao Venerado Irmão
Dom FRANCESCO LAMBIASI
Bispo de Rímini

Gostaria de dirigir a minha cordial saudação ao senhor, aos organizadores e a todos os participantes do Meeting pela Amizade entre os Povos, que já chegou à sua 33ª edição. O tema escolhido para este ano – “A natureza do homem é relacionamento com o infinito” – é particularmente significativo em vista do iminente início do “Ano da fé”, que eu decidi convocar por ocasião do 50º aniversário da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Falar do homem e do seu anseio de infinito significa, antes de tudo, reconhecer a sua relação constitutiva com o Criador. O homem é uma criatura de Deus. Hoje essa palavra – criatura – parece quase ter saído de moda: prefere-se pensar no homem como um ser completo em si mesmo e artífice absoluto do próprio destino. A consideração do homem como criatura parece “incômoda”, pois implica uma referência essencial a uma outra coisa, ou melhor, a outro Alguém – fora do controle do homem – que passa a definir de modo essencial a sua identidade; uma identidade relacional, cujo primeiro dado é a dependência originária e ontológica dAquele que nos quis e nos criou. No entanto, essa dependência, da qual o homem moderno e contemporâneo tenta se libertar, não só não esconde nem diminui, mas antes revela de modo luminoso a grandeza e a dignidade suprema do homem, chamado à vida para entrar em relação com a Vida mesma, com Deus.

Dizer que “a natureza do homem é relacionamento com o infinito” significa, então, dizer que cada pessoa foi criada para que possa entrar em diálogo com Deus, com o Infinito. No início da história do mundo, Adão e Eva são fruto de um ato de amor de Deus, feitos à sua imagem e semelhança, e a vida deles e a sua relação com o Criador coincidem: “Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou: homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). E o pecado original tem a sua raiz última justamente no fato de nossos progenitores terem se afastado dessa relação constitutiva, de terem se colocado no lugar de Deus, terem acreditado que poderiam prescindir dEle. Mesmo depois do pecado, porém, permanece no homem o desejo sofrido desse diálogo, como uma marca impressa com fogo na sua alma e na sua carne pelo próprio Criador.

O salmo 63[62] nos ajuda a entrar no coração desse discurso: “Ó Deus, és o meu Deus, eu vos procuro. Minha alma tem sede de vós, minha carne vos deseja com ardor, como terra sedenta e sem água” (v. 2). Não só a minha alma, mas todas as fibras da minha carne foram feitas para encontrar a sua paz, a sua realização, em Deus. E essa tensão é indelével no coração do homem: mesmo quando se rejeita ou se nega Deus, não desaparece a sede de infinito que existe no homem. Começa, ao invés, uma busca ansiosa e estéril de “falsos infinitos” que sejam capazes de satisfazer, ao menos por um momento. A sede da alma e o anseio da carne, de que fala o salmista, não podem ser eliminados; assim o homem, sem o saber, se volta para a busca do Infinito, mas em direções erradas: na droga, numa sexualidade vivida de modo desordenado, nas tecnologias totalizantes, no sucesso a qualquer custo, até em formas enganadoras de religiosidade. Mesmo as coisas boas, que Deus criou como estradas que levam a Ele, não raramente correm o risco de ser absolutizadas e se tornarem também ídolos que substituem o Criador.

Reconhecer que somos feitos para o infinito significa percorrer um caminho de purificação desses que chamamos de “falsos infinitos”, um caminho de conversão do coração e da mente. É preciso eliminar todas as falsas promessas de infinito que seduzem e escravizam o homem.

Para encontrar verdadeiramente a si mesmo e a própria identidade, para viver à altura do próprio ser, o homem precisa voltar a se reconhecer como criatura, dependente de Deus. Ao reconhecimento dessa dependência – que, no fundo, é a alegre descoberta de sermos filhos de Deus – está ligada a possibilidade de uma vida verdadeiramente livre e plena.

É interessante notar como são Paulo, na Carta aos Romanos, vê o contrário da escravidão não tanto na liberdade, mas na filiação, no ter recebido o Espírito Santo, que nos torna filhos adotivos e que nos permite gritar a Deus “Abbá! Pai!” (cf. 8,15). O apóstolo dos gentios fala de uma escravidão “má”: a do pecado, da lei, das paixões da carne. A esta, porém, não contrapõe a autonomia e sim a “escravidão de Cristo” (cf. 16-22); ou melhor, ele mesmo se define como “Paulo, servo de Cristo Jesus” (1,1).

O ponto fundamental, portanto, não é eliminar a dependência, que é constitutiva do homem, mas endereçá-la para Aquele que é o único que pode nos tornar verdadeiramente livres.

A essa altura, porém, surge uma pergunta. Será que não é estruturalmente impossível ao homem viver à altura da própria natureza? E não seria uma condenação esse anseio de infinito que ele intui, mas que nunca pode satisfazê-lo totalmente? Essa interrogação nos leva diretamente ao coração do cristianismo. De fato, o Infinito mesmo, para se fazer uma resposta que o homem possa experimentar, assumiu uma forma finita. A partir da Encarnação, do momento em que o Verbo se fez carne, ficou cancelada a impenetrável distância entre finito e infinito: o Deus eterno e infinito deixou o seu Céu e entrou no tempo, mergulhou na finitude humana. Então, nada é banal ou insignificante no caminho da vida e do mundo. O homem foi feito por um Deus infinito que se fez carne, que assumiu a nossa humanidade para elevá-la às alturas do seu ser divino.

Descobrimos, então, a dimensão mais verdadeira da existência humana, aquela que o Servo de Deus Luigi Giussani chamava continuamente de a vida como vocação. Cada coisa, cada relacionamento, cada alegria, como também cada dificuldade, encontra a sua razão última em ser ocasião de relação com o Infinito, voz de Deus que continuamente nos chama e nos convida a levantar o olhar, a descobrir na adesão a Ele a realização plena da nossa humanidade. “Tu nos fizeste para ti e o nosso coração permanecerá inquieto enquanto não repousar em ti”, escrevia Agostinho (*Confissões*, 1,1).

Não devemos ter medo do que Deus pede a nós através das circunstâncias da vida, ainda que seja a dedicação de todo o nosso ser numa forma particular de seguir e imitar Cristo no sacerdócio ou na vida religiosa. O Senhor, chamando alguns a viverem totalmente dEle, chama a todos para reconhecerem a essência da própria natureza de seres humanos: feitos para o infinito. E Deus quer a nossa felicidade, a nossa plena realização humana.

Peçamos, então, que possamos entrar e permanecer no olhar da fé que caracterizou os santos, para podermos descobrir as sementes de bem que o Senhor espalha ao longo do caminho da nossa vida e aderir com alegria à nossa vocação.

Ao desejar que esses breves pensamentos possam ser de ajuda para aqueles que tomam parte do Meeting, asseguro minha proximidade na oração e também espero que a reflexão desses dias possa introduzir a todos na certeza e na alegria da fé.

Ao senhor, Venerado Irmão, aos responsáveis e aos organizadores do evento, como também a todos os presentes, de bom grado concedo uma especial Bênção Apostólica.

De Castel Gandolfo, 10 de agosto de 2012